

Formação Mediúnica III

O CONDENSADOR ECTOPLÁSMICO

1. LIVRO

Nos Domínios da Mediunidade – cap. VII.

2. LOCAL

Centro Espírita, onde se realizava uma sessão de desobsessão. Estava o sofredor Libório incorporado à médium Eugênia, sendo esclarecido pelo dirigente encarnado, Raul Silva.

3. ESPÍRITO INSTRUTOR

Áulus.

4. DESCRIÇÃO DO APARELHO

Aparência de uma tela de base tenuíssima, com dispositivos especiais, medindo por inteiro um metro quadrado, aproximadamente.

5. FUNÇÃO DO CONDENSADOR ECTOPLÁSMICO

Tem a propriedade de concentrar em si os raios de força projetados pelos componentes da reunião, reproduzindo as imagens que fluem do pensamento da entidade comunicante, não só para observação dos espíritos orientadores, mas também para análise do doutrinador encarnado, que as recebe em seu campo intuitivo, auxiliado pelas energias magnéticas do plano espiritual.

6. O FORNECIMENTO DA ENERGIA PARA O CONDENSADOR

As energias ectoplásmicas são fornecidas pelo conjunto dos companheiros encarnados, em favor de irmãos que ainda se encontram semi-materializados nas faixas vibratórias da experiência física. Por isso mesmo, Silva e Clementino necessitam do concurso geral para que a máquina do serviço funcione harmoniosamente quanto seja possível.

Pessoas que exteriorizam sentimentos menos dignos, equivalentes a princípios envenenados nascidos das viciações de variadas espécies, perturbam enormemente as atividades dessa natureza, porquanto arrojam no condensador as sombras de que se fazem veículos prejudicando a eficiência da assembléia e impedindo a visão perfeita da tela por parte da entidade necessitada de compreensão e luz.

7. UTILIZAÇÃO DO CONDENSADOR ECTOPLÁSMICO NO CASO LIBÓRIO

Após uma prece sentida, feita por Raul Silva, que estava sendo inspirado por irmão Clementino (mentor espiritual) o Espírito endurecido de Libório grita em lágrimas:

“– Oh! Deus, que se passa comigo?...”

A pedido do irmão Clementino, foi trazido apressadamente o aparelho por um dos assistentes do outro plano. O mentor espiritual da reunião manobrou pequena chave num dos ângulos do aparelho e o tecido suave se cobriu de leve massa fluídica, branquicenta e vibrátil. Em seguida, postou-se novamente ao pé de Raul Silva, que, controlado por ele, disse ao comunicante:

“– Lembre-se, meu amigo, lembre-se! Faça um apelo à memória! Veja à frente os quadros que se desenrolarão aos nossos olhares!

De imediato, como se tivesse a atenção compulsoriamente atraída para a tela o visitante fixou-se e, desde esse momento, vimos com assombro que a tela sensibilizada exibia variadas cenas de que o próprio Libório era o principal protagonista. Recebendo-as mentalmente, Raul Silva passou a descrevê-las:

“– Observe, meu amigo! É noite. Ouve-se um burburinho de algazarra à distância... Sua mãe, velhinha, chama-o à cabeceira e pede-lhe assistência... está exausta... Você é o filho que lhe resta... Derradeira esperança de flagelada vida. Único arrimo... A pobre senhora sente-se morrer. A dispneia martiriza-se... É o distúrbio cardíaco pressagiando o fim do corpo... Tem medo. Declara-se receosa da solidão de vez que é sábado carnavalesco e os vizinhos se ausentaram na direção dos centros festivos. Parece uma criança atemorizada... Contempla-o, ansiosa, e roga-lhe que fique... Você responde que sairá tão-somente por alguns minutos... O bastante para trazer-lhe a medicação necessária... Em seguida, avança, rápido, para uma gaveta situada em aposento próximo e apropria-se do único dinheiro que a enferma dispõe, algumas centenas de cruzeiros, com que você se julga habilitado a desfrutar as falsas alegrias de seu clube... Amigos espirituais de seu lar abeiram-se de você, implorando socorro em favor da doente, quase moribunda, mas você se mostra impermeável a qualquer pensamento de compaixão... Dirige algumas palavras apressadas à enferma e sai para a rua. Em plena via pública, imanta-se aos indesejáveis companheiros desencarnados com os quais se afina... entidades turbulentas, hipnotizadas pelo vício, com as quais você se arrasta ao prazer... Por três dias e quatro noites consecutivos, entrega-se à loucura, com esquecimento de todas as obrigações... Somente na madrugada de quarta-feira você volta por braços anônimos, sua mãe não o reconhece mais. Aguarda, resignadamente, a morte, enquanto você se encaminha para os quartos dos fundos, na expectativa de conseguir um banho que o auxilie a refazer-se... Abre o gás e senta-se por alguns minutos, experimenta a cabeça entontecida... O corpo exige descanso, depois da louca folia... A fadiga surge, insopitável. Desapercebe-se de si mesmo e dorme semi-embriagado, perdendo a existência, porque as emanções tóxicas lhe cadaverizam o corpo... Na manhã clara de sol, um rabeção leva-o ao necrotério, como simples suicida... Nessa altura, o interlocutor, como se voltasse de um pesadelo, bradou desesperado:

“– Oh! Esta é a verdade! A verdade!... onde está a minha casa? Sara, Sara, quero minha mãe, minha mãe!...”

“– Acalme-se – recomendou Raul, compadecido – nunca nos faltará socorro divino! Seu lar, meu amigo, cerrou-se com os seus olhos de carne e sua genitora, de outras esferas, lhe estende os braços amorosos e santificantes...”

O comunicante, vencido, caiu em lágrimas.

Tão grande lhe surgiu a crise emotiva que o mentor espiritual do grupo se apressou a desliga-lo do equipamento mediúnico, entregando-o aos vigilantes para que fosse convenientemente abrigado em organização próxima.

Libório, em fundo processo de transformação, afastou-se, tornando Eugênia à posição normal.